

Florianópolis, Outubro 2018.

O RACISMO CONTRA A DEMOCRACIA

A. C.O Barbosa - anaclaudia3365@gmail.com
Curso de Serviço Social – UFSC

LOWY, Michael. O racismo contra a democracia. In: DARNTON, Robert; DUHAMEL, Olivier (Org.). **Democracia**. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 293-300.

A concepção de racismo enquanto um fenômeno moderno tem suas raízes no colonialismo imperialista a partir do século XVI. Foi nesse período em que se tem início a invasão de territórios nas Américas, África, Ásia e Oriente Médio pelos poderosos impérios europeus, e a conseqüente dominação, sujeição, escravidão e até o extermínio de populações nativas, tendo a partir de então o conceito de “raça” servido para legitimar a dominação do homem branco sobre o homem de cor.

Mas é apenas no fim do século XIX, que a “teoria racial” ganha contornos pseudocientíficos de caráter supostamente biológico e passa a ser difundida sociedade, para já no século XX ser transformada em ideologia e adotada como justificativa por regimes totalitários para o desenvolvimento e implementação de práticas eugenistas, tal como demonstrado por Hannah Arendt em *As origens do totalitarismo* (1989). O ódio e o medo, esses sentimentos tão naturais ao homem não se transformam automaticamente, segundo o autor, em racismo:

O racismo não é uma fatalidade, nem um produto da “natureza humana”. A desconfiança, o desprezo ou o medo do outro só tomam a forma de racismo em circunstâncias precisas, em condições históricas concretas, quando surgem movimentos, partidos, ideologias que manipulam esses medos irracionais e lhes dão um caráter sistemático, agressivo e pseudobiológico. É em geral em situações de

crise, desemprego, insegurança, perda dos referenciais, ansiedade social que vemos florescer e desenvolver-se o racismo. (p. 29)

O racismo é profundamente antidemocrático, pois se utiliza da “raça” para excluir, discriminar e segregar e é o oposto da cultura política moderna em que democracia e fraternidade humana são princípios indesejáveis. A democracia plena e justa é uma utopia, mas também é a inspiração dos mais otimistas que desejam *liberdade, igualdade e fraternidade* em sua forma pura, tal como sonhada e idealizada durante a revolução francesa e que inspirou movimentos internacionalistas de solidariedade e luta por justiça e direitos para homens, mulheres, trabalhadores, povos e etnias.

A mesma Europa que pariu a revolução na França e seu espírito fraterno, também gerou o fascismo na Itália e o nazismo na Alemanha, quando tensões sociais e econômicas foram exploradas para incentivar o racismo e constituir perseguições a determinados grupos étnicos como judeus e ciganos, por exemplo, que serviram de bode expiatório para as mazelas do contexto social da época. Esse artifício de explorar o diferente, o estrangeiro como causa e razão dos problemas sociais, do desemprego e dificuldade econômica, é pontual principalmente na Europa, inclusive nos dias de hoje, eram os judeus ontem, são os africanos, árabes, asiáticos hoje.

Para combater e resistir a essa recorrente insurgência de intolerância e nacionalismo se fazem necessárias ações conscientes e coletivas por parte dos cidadãos, tendo em mente que a democracia é um *processo permanente*, ainda distante da perfeição utópica idealizada pelos revolucionários franceses, e como tal deve ser encarada como um *combate permanente* e ter os valores de fraternidade e solidariedade como principais referenciais.